



A negrinha do pastoreio: Gritos de resistência na fronteira oeste gaúcha

Letícia Fernanda de Rodrigues¹
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Resumo

Escrever contos e poemas é forma de resistência ao sistema vigente. Por meio de palavras, podemos reivindicar um espaço de poder. A fronteira Oeste Gaúcha é mais que um laboratório, é parte do que sou. As negrinhas do pastoreio são uma analogia aos descendentes da escravização, que tem de resistir ao sistema de opressão nos *pagos* Pampeanos. Os contos são reflexos de muitas negrinhas do pastoreio que enfrentam seus dilemas diários: o frio e a fome.

Palavras – chave: pastoreio, Fronteira Oeste, Negrinhas, Resistência.

Inscrições iniciais

Sou uma negrinha do pastoreio, ativista, gaúcha e fronteiriça. Sou nascida e criada na região da campanha, nos confins do Rio Grande do Sul. Nasci em uma região cuja cor antes de tudo, é lugar de pertencimento e estigma social. Sou filha de Claudia dos Santos e filha adotiva de Hilda Helena, duas grandes heroínas guerreiras. Neste pago, aprendi a enfrentar as agruras da vida.

Em 2012 entrei na Universidade Federal PAMPA, em Relações Internacionais. Desde então, pude levar alguns conhecimentos de minha gente até o ambiente acadêmico. Fiz mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, participando de grupos da fronteira como, “Fronteiras culturais”. Em março de 2019 entrei no doutorado em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Tenho trazido à tona temáticas como desigualdade social, e racismo nas fronteiras gaúchas.

Acompanho diversos grupos que estão na resistência e na construção de um novo amanhã para as mulheres negras no meu Estado.

¹ E-mail: leticiafernadarodrigues@gmail.com.



*Ó minha mãe preta que fez meu Estado,
Um dia tu foste muito humilhada,
E chegaste aqui escravizada.*

*Teu sangue desonrosamente caiu no chão,
E sentiste o peso da escravidão.
No Brasil, vistas tuas filhas
Negras, formosas, saídas do meio de uma rosa
Passam dias de desafeto e frio.*

*Óh mãe preta,
Que perdeu a sorte,
Hoje eu acabei de honrar a tua morte!*



A NEGRINHA DO CEMITÉRIO:

Naquele dia eu corri. Corri para salvar meu couro do chicote.

Até que consegui subir no gigantesco muro do cemitério. Meus braços estavam doloridos. Sentia muita dor no estômago. Realmente estava muito assustada. Olhei ao redor, o medo de cair era enorme. Em cima do muro, eu só via aquele monstro com o chicote na mão, gritando com uma voz estridente e grossa:

_ Negrinha, negrinha.... Desce daí, ou eu vou te buscar pelos cabelos!

Todos os vizinhos estavam murmurando algo em frente ao nosso barraco. Aquelas “chismentas”, como sempre, de olho em cada movimento. Odeio essa vida miserável, e principalmente, esse cheiro de pinga com mofo.

Olhei para o lado esquerdo, só via a paz de quem partiu dessa para melhor. O lugar era cheio de lápides, velas e flores. Espero que os que partiram, me ajudem a sair daqui.

Em um ímpeto, gritei:

Nunca mais voltarei para esse inferno, seu borracho! Vais pagar com sua vida, nem que para isso eu tenha que te matar com minhas mãos!

Pulei no chão de concreto.

Doeu! Sai mancando. Minhas mãos estavam em carne viva.

Enfim, livre daquele monstro!



A NEGRINHA FUJONA

Não crio imagens daqueles tempos. O meu corpo, é a forma concreta da transposição dessas imagens. Há momentos na vida que é melhor esquecer, mas as cicatrizes do tempo estão aqui para me lembrar de quem fui e quem sou, Joana a bugra poeta.

Nesse dia frio, vem à cabeça a imagem daquela negrinha *bugra* correndo descalça pelo campo congelado. Estava vestida com trapos. Um casaco de lã velha rasgado, mal cobria o corpo franzino daquela menina. A calça estava suja de barro e com cheiro de urina.

O Bolicho do seu Manoel era uma salvação para aqueles invernos sem fim e, principalmente, para sua fome.

_ Bom dia seu Manoel! O senhor tem pão velho? O senhor vai distribuir sopa na igreja hoje à tarde? O senhor pode declamar poesias para mim?

O negro Manoel, tomando seu mate recém sorvado, ao pé do fogão de chão. Mira aquela menina atrás do balcão. O velho Manoel, já vira de tudo na sua vida, principalmente a tropilha dos invernos intermináveis. Já viu homens com pouca honra morrer na sua frente. Já trabalhou à exaustão nas charqueadas. A única coisa que lhe resta são as palavras em formas “recuerdos”.

Mirou nos olhos negros daquela menina e disse:

_ Estás muy agitada. Fugiste de novo?!

Sem esperar a resposta óbvia, pegou um prato fundo e foi em direção ao fogão.

LÁGRIMAS NEGRAS

Por que choras negrinha?

Tu és feia. Devias ter vergonha desse teu cabelo pixaim e da cor de sujeira!

Parece miragem, mas ainda lembro daqueles dias de fome, angústia e dor na barriga. Um frio de renguear cusco manco e eu de chinelo de dedo pedindo pão e puchero no açougue.

Parece miragem, mas são imagens reais de uma infância quase perdida.

E a escola?

_ Bom, nessa eu ia pela comida. A comida era um atrativo para um inverno de seis graus durante o dia, e negativo à noite.

Oh! Fome, de ti eu fugi e de ti eu me vinguei.

Graças a ti, sou feita de aço inox!



ESPELHO REFERENCIAL

ANGELOU, Maya. *Rainbow in the cloud: The wisdom and spirit of Maya Angelou*. Random House Incorporated, 2014.

De Jesus, Carolina Maria, Audálio Dantas, and Alberto Teixeira. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Vol. 1. Livraria F. Alves, 1960.

Ratts, Alex. "Os lugares da gente negra: raça, gênero e espaço no pensamento de Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez." In *Comunicação apresentada no XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais*. 2011.